ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p524

IDENTIDADE CULTURAL E INCLUSÃO TECNOLÓGICA EM UMA PERSPECTIVA FOLKCOMUNICACIONAL DA COMUNIDADE QUILOMBOLA LAGOA DA PEDRA, ARRAIAS-TO

CULTURAL IDENTITY AND TECHNOLOGICAL INCLUSION IN A FOLKCOMUNATIONAL PERSPECTIVE OF THE COMMUNITY QUILOMBOLA LAGOA DA PEDRA, ARRAIAS-TO

IDENTIDAD CULTURAL Y LA INCLUSIÓN TECNOLÓGICA EN UNA PERSPECTIVA COMUNIDAD FOLKCOMUNICACIONAL QUILOMBOLA LAGOA DA PEDRA, ARRAIAS-TO

Wolfgang Teske[1]

Marina Haizenreder Ertzogue [2, 3]

RESUMO

O presente artigo visa mostrar e descrever, mesmo que de forma ainda preliminar, como se operam os intercâmbios folkcomunicacionais na

1 É doutorando e mestre em Ciências do Ambiente pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Graduado em Comunicação Social: Jornalismo pelo Centro Universitário Luterano de Palmas (TO) (CEULP/ULBRA) e em em Teologia pelo Seminário Concórdia de Porto Alegre (RS). É professor convidado no Curso de Comunicação Social, Jornalismo, da Universidade Federal do Tocantins, Palmas, TO. E-mail: professorteskeuft@gmail.com.

2 Possui graduação em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Mestrado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; Doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo. Atualmente é professora Associada. Leciona no curso de História na Universidade Federal do Tocantins (UFT). Docente do Programa de Pós-graduação em Ciências do Ambiente (CIAMB) Mestrado e Doutorado. Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade (Mestrado) - UFT. E-mail: marina@mail.uft.edu.br.

3 Endereço de contato das autoras (por correio): Universidade Federal do Tocantins (UFT). Mestrado em Comunicação e Sociedade (PPGCOM-UFT). Avenida NS 15, 109 Norte - Plano Diretor Norte - Palmas -TO, 77001-090 Brasil.

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p524

Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra, Arraias, Tocantins, e suas práticas de resistência cultural, em um século caracterizado como sendo uma sociedade da informação. Por este motivo, é feita uma abordagem sobre a atual conjuntura econômica mundial e globalização. Além disso, em se tratando de uma comunidade quilombola tradicional traz dados de como ela preserva a sua identidade cultural e ressignificando a sua cultura, ao mesmo tempo em que está ocorrendo uma inclusão tecnológica, com a utilização das novas tecnologias de comunicação e informação.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade cultural; inclusão tecnológica; Folkcomunicação; Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra, Arraias-TO.

ABSTRACT
The present article aims to show and describe, even in a preliminary way, how folk-trade exchanges in the Quilombola Community of Lagoa da Pedra, Arraias, Tocantins, and their practices of cultural resistance, in a century characterized as an information society. For this reason, an approach is made on the current world economic situation and globalization. In addition, in the case of a traditional quilombola community, it provides data on how it preserves its cultural identity and re-signifies its culture, at the same time that a technological inclusion is occurring, with the use of new communication and information technologies.

KEYWORDS: Cultural identity; Technological inclusion; Folkcommunication; Community Quilombola Lagoa da Pedra, Arraias-TO.

RESUMEN
Este artículo tiene como objetivo mostrar y describir, aunque todavía preliminares, como si la operación de los intercambios folkcomunicacionais en la Comunidad Quilombola Lagoa da Pedra, Arraias, Tocantins, y sus prácticas culturales de resistencia en un siglo destacado como una sociedad de la información. Por esta razón, se hace un análisis de la actual situación económica

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p524

mundial y la globalización. Por otra parte, en el caso de un quilombo tradicional aporta datos a medida que se preserve su identidad cultural y redefine su cultura, mientras que usted está experimentando una inclusión tecnológica, con el uso de las nuevas tecnologías de comunicación e información.

PALABRAS CLAVE: Identidad cultural; Inclusión tecnológica; Folkcomunicación popular; Comunidad Quilombola Lagoa da Pedra, Arraias-TO.

Recebido em: 16.01.2017. Aceito em: 26.03.2017. Publicado em: 01.04.2017.

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p524

Introdução

Este artigo está pautado em várias pesquisas de campo de caráter histórico-antropológico, uma, inclusive, ainda em andamento, em nível de doutorado, pautadas na teoria da Folkcomunicação, que visa analisar a interface da comunicação popular com a comunicação de massa e como a comunidade reage diante da mensagem midiática e das novas tecnologias com a sua cultura. Pesquisas estas que vem sendo desenvolvidas ao longo de doze anos, na Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra, Arraias, Tocantins, como será apresentado mais adiante.

Inicialmente, é importante lembrar que está ocorrendo um processo de profundas mudanças na comunidade quilombola Lagoa da Pedra, em uma época de inúmeras discussões sobre o modelo de desenvolvimento que está em curso, e que faz parte do agendamento das academias científicas em âmbito mundial. Por esta razão, se faz necessária uma abordagem, tanto no aspecto teórico quanto histórico sobre a globalização, mesmo que de forma resumida, para que possamos perceber que o atual projeto de desenvolvimento global, anunciado aos quatro ventos, está carregado com desigualdades sociais. Isto faz com que haja uma forte tendência nos debates a tudo o que diz respeito às questões que envolvem os direitos humanos.

Ao analisar a conjuntura econômica mundial, Boaventura de Sousa Santos (2011), assevera que não podemos afirmar com certeza para onde estamos indo, além de colocar em dúvida se estamos de fato em um sistema democrático.

Esta análise é importante, pois estamos tratando de um assunto que diz respeito a uma comunidade tradicional quilombola que, até muito recentemente, fazia parte dos denominados excluídos digitais, o que não

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p524

significa que todos os moradores estejam familiarizados e saibam utilizar as novas tecnologias. Entretanto, a análise que se fará neste artigo será uma demonstração das permanências e mudanças causadas com a chegada à comunidade das novas tecnologias.

Conjuntura econômica mundial e globalização

É inegável que existe um modelo de desenvolvimento sendo imposto às sociedades atuais, pautado pela economia, e que tem sido gerador de conflitos, miséria, desequilíbrios e demonstra ser de caráter planetário de devastação socioambiental, onde a natureza está sendo gradativamente transformada em uma mercadoria. A devastação de nosso planeta é uma realidade e o aquecimento global já não é mais uma fantasia alimentada por ambientalistas, pesquisadores e pensadores que, há anos, de forma isolada ou mesmo grupos e organizações, têm levantado a bandeira da preservação e do cuidado que se deve ter com o meio ambiente (TESKE, 2011).

Este processo de desenvolvimento em voga é denominado por Enrique Leff (2007) de "degradação ambiental". Para este pesquisador, considerado um dos principais intelectuais latino-americanos no âmbito da problemática ambiental, a origem desta degradação ambiental está em duas vertentes: no crescimento e na globalização da economia.

Isto nos leva a ligar e fundir como uma amálgama, os temas da globalização com os modernos sistemas tecnológicos da informação e comunicação, pois não há como sustentar um sistema sem o auxílio do outro. Quando Leff (2007) analisa a realidade atual, marcada por uma degradação das bases da sustentabilidade ecológica do processo econômico, ele define este processo como uma: "[...] crise de civilização que questiona a racionalidade do

sistema social, os valores, os modos de produção e os conhecimentos que os sustentam" (LEFF, 2007, p. 56). Ao discorrer sobre este tema, alega haver um desiquilíbrio em todo o ecossistema do planeta Terra e, por consequência, é causador de uma instabilidade global. Segundo ele, a natureza está sendo coisificada, e é taxativo ao asseverar que:

> A superexploração dos ecossistemas, que os processos produtivos mantinham sob silêncio, desencadeou uma força destrutiva que em seus efeitos sinérgicos e acumulativos gera as mudanças globais que ameaçam a estabilidade e sustentabilidade do Planeta: a destruição da biodiversidade, a rarefação da camada estratosférica de ozônio, o aquecimento global. O impacto dessas mudanças ambientais na ordem ecológica e social do mundo ameaça a economia como um câncer generalizado e incontrolável (LEFF, 2007, p. 56).

Isto nos leva ao entendimento que há uma grave crise mundial provocada pelo atual modelo de desenvolvimento, que está ancorado em um sistema econômico associado ao moderno sistema de comunicação e informação, que, cada vez mais, investe no desmatamento, causa poluição ambiental, desloca milhares de pessoas de seus locais de origem onde grupos e sociedades vivem e preservam as suas culturas.

O sistema econômico hodierno não tem contribuído para que haja um desenvolvimento sustentável, uma promoção da equidade social, e tampouco a exploração dos recursos naturais e ambientais tem contribuído na construção de uma sociedade mais justa e ambientalmente sustentável. Muito pelo contrário, o que se pode observar é o aumento da pobreza e a exclusão de milhares de pessoas e sociedades do processo produtivo.

Chegamos a um limite, pois o que está em jogo é a sobrevivência da própria humanidade. Diante deste cenário, as discussões sobre a globalização, as consequências e impactos causados tanto sobre o meio ambiente físico, social,

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p524

ecológico, ambiental e cultural, têm-se intensificado cada vez mais nas últimas décadas.

O sociólogo britânico Anthony Giddens tem se dedicado em reformular a teoria social e reexaminar a compreensão do desenvolvimento e da modernidade. Giddens foi um dos primeiros a definir o conceito sobre globalização, citado, como tal, inclusive por Boaventura de Sousa Santos (SANTOS, 2011). Giddens, em seu livro As Consequências da Modernidade, define globalização como: "[...] *a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa"* (GIDDENS, 1990, p. 60).

Boaventura de Souza Santos também compreende que as interações transnacionais tem se intensificado de forma rápida nas últimas três décadas. Para o sociólogo o processo é dramático ao afirmar que:

> [...] desde a globalização dos sistemas de produção e das transferências financeiras, à disseminação, a uma escala mundial, de informação e imagens através dos meios de comunicação social ou às deslocações em massa de pessoas, quer como turistas, quer como trabalhadores migrantes ou refugiados (SANTOS, 2011, p. 25).

Para Santos, o processo da globalização é um fenômeno multifacetado "[...] com dimensões econômicas, sociais, políticas, culturais, religiosas e jurídicas interligadas de modo complexo" (SANTOS, 2011, p. 26). Para o doutor em geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Carlos Walter Porto-Gonçalves a globalização já está entranhada nos corações e mentes das pessoas e sociedades. Ele afirma que palavras como globalização, mundialização e planetarização têm causado reflexos e "[...] começam a construir uma nova comunidade de destino, em que a vida de cada um já não se acharia mais ligada ao lugar ou ao país onde se nasceu ou, pelo menos, não se acharia mais

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p524

ligada do mesmo modo como se achava antes" (PORTO-GONÇALVES, 2012, p. 12).

Segundo este autor, não há neutralidade no termo Globalização, pois a responsabilidade de transformar a escala local em global não são as sociedades que têm uma relação próxima com a natureza, mas é provocada pelas:

> [...] grandes corporações transnacionais, as organizações multilaterais – o Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional, a Organização Mundial de Comércio, as organizações (que) não (querem) governos nacionais (ONGs) (PORTO-GONÇALVES, 2012, p. 12).

Quando o autor citado acima se refere às sociedades que têm uma relação próxima com a natureza está se referindo, conforme explica, aos povos originários, comunidades quilombolas, extrativistas, camponeses que, muitas vezes são considerados atrasados, sem cultura ou selvagens, ou ainda na concepção antiga denominados de bárbaros na concepção dos romanos. E com este olhar sobre estes povos, pessoas e comunidades o capitalismo se reveste e age com uma missão civilizatória, tudo sob a aura do sistema democrático.

Nesta época de globalização, de um sistema capitalista financeiro no qual as grandes organizações estabelecem as regras, em que a democracia é distorcida do seu verdadeiro sentido, Porto-Gonçalves (2012) alerta para as ciladas oferecidas pelos meios de comunicação de massa quando apresentam noções, conceitos como qualidade de vida ou desenvolvimento sustentável. E é justamente neste contexto que brotam e se fomentam as discussões sobre a inclusão dos marginalizados tecnológicos e digitais, principalmente, em se tratando de povos originários ou comunidades tradicionais, dentre as quais se inserem as comunidades quilombolas.

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p524

Inclusão tecnológica e os saberes e fazeres das comunidades tradicionais

Quando se trata de inclusão tecnológica estamos falando sobre a democratização do conhecimento e da comunicação, que, por sua vez, é um direito de todo cidadão em qualquer lugar ou território em que este se encontra. Os benefícios da inclusão digital e tecnológica, sem dúvida, são essenciais no mundo moderno, entretanto as perguntas que devem ser feitas em se tratando de comunidades tradicionais são: até que ponto esta inclusão ajuda ou prejudica a identidade cultural? As comunidades tradicionais ou mesmo as originárias, que possuem peculiaridades culturais muito próprias, perderão ou não suas tradições, dos fazeres e saberes diante da inclusão digital e tecnológica? Até que ponto, as comunidades tradicionais conseguirão manter suas tradições diante de um mundo globalizado e que tenta homogeneizar costumes e modismos?

Para Colaço; Sparemberger (2010) a tecnologia da informação deve ser tratada como um patrimônio cultural da humanidade, visto que: "As novas tecnologias vieram para ficar e certamente alteram o comportamento social". E em seguida asseveram: "A sociedade atual é da informação, as soluções digitais são infinitas, surpreendentes e poderosas" (COLAÇO; SPAREMBERGER, 2010, p. 209). Partindo desta premissa, as autoras afirmam que a sociedade da informação tem que ser democratizada e assim possibilitar a todos o acesso às novas tecnologias, com a ressalva de resguardar e respeitar as diferenças e diversidade cultural. O que se quer evitar, com isso, segundo afirmam, é a criação de uma nova casta social, que seriam os excluídos digitais.

Entretanto a discussão sobre o assunto é complexo, pois, se por um lado, há a necessidade da inclusão digital e tecnológica, pela necessidade que se impõe a todos como direito, por outro lado, não se pode esquecer que há uma

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p524

manipulação e interesses nefastos que são muitas vezes velados e não são explícitos.

Comparato (2015), em um evento científico[4] juntamente com Boaventura de Sousa Santos, asseverou que a dominação econômica no século 21, foi provocada pelo neoliberalismo e está fortemente ligada ao sistema de comunicação. Segundo ele, o domínio e controle deste sistema de comunicação estão concentrados nos grandes grupos financeiros, que, por sua vez, impedem a sociedade tomar conhecimento de toda esta articulação que move o mundo. Para o sociólogo Boaventura de Sousa Santos (2015), presente na mesa redonda, está havendo uma contradição entre o capitalismo e a democracia, pois esta está fundamentada em dois pilares, na ideia constitucional que "[...] por um lado é soberana, popular, e por outro, a soberania popular se alicerça na ideia de inclusão através de direitos, direitos de várias gerações, civis, políticas, econômicas, sociais, ecológicas, culturais, etc." (SANTOS, 2015).

Contudo, mais um aspecto é relevante nesta abordagem, que é o fato de qualquer sociedade ou comunidade, seja originária ou tradicional, sofre mudanças e adaptações diversas ao longo da história e de seus modos de vida e na sua cultura. O antropólogo Roque de Barros Laraia (1988) ao descrever sobre inovações e invenções tecnológicas e entendendo que estas fazem parte do patrimônio cultural afirma:

[4] Evento ocorrido no dia 28 de outubro de 2015, *Crise Global Contemporânea*, promovido pela Escola de Governo e Ação Educativa de São Paulo com a participação de: Boaventura de Sousa Santos, sociólogo e professor catedrático da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (Portugal); Fábio Konder Comparato, advogado e jurista brasileiro, professor emérito da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo; Maria Victoria Benevides, socióloga, com especialização no campo da Ciência Política e do Direito e em temas da História Política brasileira e da Educação.

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p524

> O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridos pelas numerosas gerações que o antecederam. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e as invenções. Estas não são, pois, o produto da ação isolada de um gênio, mas o resultado do esforço de toda uma comunidade (LARAIA, 1988, p. 46).

Segundo Geertz, "[...] os sistemas simbólicos são construídos e reconstruídos o tempo todo, não são nada que se possa amarrar e dizer, é isso" (GEERTZ, 2001, p. 39). Contudo, também há de se considerar, como já foi apresentado anteriormente, que nunca houve na história da humanidade, principalmente nos últimos 40 anos, o efeito que decorre da globalização cultural, proporcionada pelas modernas tecnologias da comunicação. Este processo ao mesmo tempo em que inclui a todos os cidadãos, faz com que seja uma ameaça real à muitas comunidades tradicionais de perderem seus valores e riquezas de seu patrimônio imaterial. Por esta razão:

> Diante de um mundo globalizado e midiatizado, a UNESCO elaborou um documento em 2005, no qual, pela primeira vez, no plano de pactuação internacional, ficou estabelecida a necessidade de combinar o desenvolvimento econômico com a preservação do patrimônio cultural dos povos, das comunidades e das culturas (TESKE, 2011, p. XXXVI).

Este documento foi denominado de Convenção Internacional de Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais e entrou em vigor no Brasil, no dia 18 de março de 2007 (BRASIL, 2007), para cumprir com o seu objetivo, ou seja, adotar medidas de proteção quando expressões culturais correrem o risco de extinção frente a uma ameaça grave e aprimorar a diversidade de tais expressões seja de caráter nacional ou internacional. Segundo este documento, quanto maior a disseminação da diversidade criativa,

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p524

maiores serão também as vantagens culturais e sociais, alcançando assim uma dimensão que vai muito além da esfera comercial e econômica. Por sua vez, este documento tem em sua base propositiva assegurar aos países a criação de mecanismos de defesa das culturas locais contra o monopólio da indústria do entretenimento.

Por esta razão se torna importante reconhecer que há características bem peculiares nas denominadas comunidades tradicionais como veremos a seguir.

Características das Comunidades Tradicionais

Em maio de 1999, foi elaborado um amplo documento sobre os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil, pelo Núcleo de pesquisas sobre populações humanas e áreas úmidas brasileiras - NUPAUB, da Universidade de São Paulo, para a Coordenadoria da Biodiversidade – COBIO, do Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal. Este documento teve como organizador Antonio Carlos Diegues, no qual são apresentadas as características das sociedades ou comunidades tradicionais:

> a) pela dependência frequentemente, por uma relação de simbiose entre a natureza, os ciclos naturais e os recursos naturais renováveis com os quais se constrói um modo de vida;
> b) pelo conhecimento aprofundado da natureza e de seus ciclos que se reflete na elaboração de estratégias de uso e de manejo dos recursos naturais. Esse conhecimento é transferido por oralidade de geração em geração;
> c) pela noção de território ou espaço onde o grupo social se reproduz econômica e socialmente;
> d) pela moradia e ocupação desse território por várias gerações, ainda que alguns membros individuais possam ter se deslocado para os centros urbanos e voltado para a terra de seus antepassados;
> e) pela importância das atividades de subsistência, ainda que a produção de mercadorias possa estar mais ou menos desenvolvida, o que implica uma relação com o mercado;
> f) pela reduzida acumulação de capital;

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p524

> g) importância dada à unidade familiar, doméstica ou comunal e às relações de parentesco ou compadrio para o exercício das atividades econômicas, sociais e culturais;
> h) pela importância das simbologias, mitos e rituais associados à caça, à pesca e a atividades extrativistas;
> i) pela tecnologia utilizada que é relativamente simples, de impacto limitado sobre o meio ambiente. Há uma reduzida divisão técnica e social do trabalho, sobressaindo o artesanal, cujo produtor (e sua família) domina o processo de trabalho até o produto final;
> j) pelo fraco poder político, que em geral reside com os grupos de poder dos centros urbanos;
> l) pela autoidentificação ou identificação pelos outros de se pertencer a uma cultura distinta das outras (DIEGUES, 2000, p.21-22).

Estas características são percebidas na Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra, onde a questão do território que ocupa está muito associada à ancestralidade, as suas festas, seus rituais, modo de vida em família e comunidade e uma forma de saberes e fazeres diferenciado. Entretanto, a sociedade moderna tem dificuldade em entender este *modus vivendi* destas comunidades, como afirma Castro (1998) "Respaldando-se em representações que reforçaram, no passado, os preconceitos, nossa sociedade moderna vê aquelas práticas tradicionais de trabalho como improdutivas" (CASTRO, 1998, p. 7).

Para se compreender este processo de mudanças e transformações na sociedade moderna, que conduz a conflitos, é necessário que se faça uma análise sobre questões e conceito de identidade. Bittencourt (2014, p. 130) afirma que "[...] a análise sobre a noção de identidade é fundamental para o estabelecimento de uma nova compreensão de uma dinâmica mundial marcada por vertiginosas transformações axiológicas, culturais e técnicas".

Um fato é inegável nesta discussão, é a supremacia que o saber tanto técnico quanto científico que impor a qualquer outro saber, pois isto fica

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p524

demonstrado ao desqualificar e desvalorizar principalmente os saberes e fazeres das comunidades tradicionais. Castro ao abordar esta questão assevera:

> Por isso, a validação a nível nacional e internacional, ainda que parcial, dos conhecimentos e inovações dos povos indígenas, de camponeses e de todas as populações tradicionais demonstra que eles têm um valor não redutível ao valor econômico. A existência dos recursos biológicos está diretamente vinculada a um sistema ancestral de coexistência sustentável entre os homens e o ambiente, razão pela qual esses recursos dependem da sobrevivência desse sistema. A destruição do habitat natural da comunidade será secundada pelo seu desaparecimento como sistema cultural e vice-versa, pois um sem o outro é insustentável (CASTRO, 1998, p. 8).

Este cenário da pós-modernidade como conceituado por Hall (2014), nos leva a compreensão no sentido de que, da mesma forma como o sistema econômico e midiático se apropriam dos conhecimentos das comunidades tradicionais, ocorrem resistências por parte destas e geram os debates centrais sobre o conceito de identidade. Uma das pesquisadoras da teoria da Folkcomunicação Karina Janz Woitowcz destaca três aspectos entre os estudos sobre identidade, que demarcam tanto aproximações quanto confrontos, entre Stuart Hall e a teoria da Folkcomunicação criada por Luiz Beltrão que são: “[...] o conceito de cultura, as noções de marginalidade e subalternidade e a compreensão sobre as dinâmicas do processo de produção/recepção ou codificação/decodificação de mensagens” (WOITOWICZ, 2015, p. 01).

O enfoque, portanto, neste artigo é fazer uma descrição da identidade cultural a partir da inclusão tecnológica da comunidade quilombola Lagoa da Pedra, Arraias, em uma perspectiva folkcomunicacional.

Folkcomunicação

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p524

Luiz Beltrão, autor da teoria da Folkcomunicação a define da seguinte forma: "[...] é o conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, ideias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e meios direta e indiretamente ligados ao folclore" (BELTRÃO, 1980, p. 24). As pesquisas folkcomunicacionais possibilitam a descoberta e a compreensão da rede de significados das manifestações culturais, dos saberes e fazeres de comunidades tradicionais ou públicos marginalizados e são uma contribuição do conhecimento sistematizado que demarca um "[...] embate dialético entre a tradição e a modernidade, o popular e o erudito, o massivo e o segmentado" (MARQUES DE MELO, 2008, p. 15). Além disso, pesquisas na perspectiva folkcomunicacional visam:

> [...] contribuir para sensibilizar as vanguardas da nossa comunidade acadêmica em relação à originalidade, vitalidade a atualidade da pesquisa sobre os caminhos cruzados entre a cultura popular e os fluxos midiáticos, neste momento em que transitamos para a sociedade do conhecimento (MARQUES DE MELO, 2008, p. 15).

O pesquisador Antonio Hohlfeld, ao analisar o cenário do atual século, descreve a Folkcomunicação da seguinte maneira:

> [...] é o estudo dos procedimentos comunicacionais pelos quais as manifestações da cultura popular ou do folclore se expandem, se sociabilizam, convivem com outras cadeias comunicacionais, sofrem modificações por influência da comunicação massificada e industrializada ou se modificam quando apropriadas por tais complexos (HOHLFELD, In: MARQUES DE MELO; FERNANDES, 2013, p. 877).

As comunidades tradicionais, na sua maior parte marginalizadas ou segregadas, quando atingidas pela moderna tecnologia, ressignificam

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p524

continuamente suas manifestações culturais, conforme assevera a pesquisadora Cristina Schmidt:

> [...] com a globalização, ao invés de ocorrer a homogeneização cultural, e até o desaparecimento de culturas tradicionais locais, houve um contrafluxo. Está ocorrendo uma ressignificação das manifestações e do folclore, resultando num posicionamento e apropriação das novas tecnologias e linguagens midiáticas (SCHMIDT, In: SCHMIDT, 2006, p. 15).

É exatamente este movimento que é perceptível na Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra, Arraias-TO, onde está ocorrendo constantemente uma ressignificação cultural.

Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra, Arraias-TO ressignificando a sua cultura

A origem desta comunidade tem início no século XIX, no ano de 1854, conforme aponta a pedagoga e quilombola Rosana Antonio de Farias (2005), em sua monografia. Apolinário (2000) relata em sua pesquisa documental realizada no Arquivo Histórico de Goiás de registros oficiais nos quais são mencionados os negros aquilombados de Arraias, já desde a época oitocentista. Eram negros escravizados que haviam fugido da mineração. A pesquisadora também relata que houve resistência ao cativeiro e que os negros que viviam nos quilombos souberam estabelecer espaços para a sua sobrevivência.

Os negros escravizados de Arraias, da mesma forma como ocorria em outras regiões do Brasil, forçosamente tiveram que se adaptar sob o jugo da escravidão, reconstruindo novas ralações sociais. Na medida em que modificavam o seu comportamento alteravam "[...] suas práticas discursivas (linguagem), na cultura e na religiosidade" (APOLINÁRIO, 2000, p. 92). Essa

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p524

prática resulta em uma nova identidade desses homens e mulheres negras que, na impossibilidade de cultuar os seus deuses africanos na sua forma original, "[...] dissimuladamente os recriavam integrando ritos e símbolos católicos" (APOLINÁRIO, 2000, p. 93). Assim surgem as festas religiosas que revelavam a espiritualidade cristã portuguesa, mas com forte influência de manifestações da espiritualidade africana.

> Os negros domiciliados em Arraias ao dançarem no interior da igreja, reviviam seus ritos africanos e retomavam a linha do relacionamento comunitário construindo novas relações e representações sociais. Mesmo que a escolha dos reis e rainhas, juízes e juízas, cantos e danças das congadas fossem manipulados, direta ou indiretamente, pela classe senhorial, no âmbito dessa relação negociável, os negros souberam ultrapassar as fronteiras do mundo real e, juntos, compartilharam um imaginário de liberdade, ao reafirmarem a sua identidade africana (APOLINÁRIO, 2000, 95-96).

Temos aí uma clara demonstração da luta dos negros escravizados para defender os seus interesses e denota inteligência e muita coragem que irá se refletir nas gerações futuras. Entretanto a vida no quilombo não foi fácil, conforme demonstrado em Teske (2011). Situação esta que começa a mudar já no atual século, precisamente no dia 25 de agosto de 2004, quando foi assinada pela Fundação Cultural Palmares, do Ministério da Cultura, a Certidão de Autorreconhecimento como Comunidade Quilombola. Certidão esta, entregue para a comunidade no dia 01 de setembro daquele ano.

Até este momento esta comunidade sofria toda sorte de preconceitos e discriminações. Viviam abandonados, esquecidos, sem atenção por parte das autoridades e do poder público, como bem expressa um dos moradores da comunidade Ruimar Antonio de Farias:

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p524

> Antes de primeiro de setembro, [*está se referindo ao dia 1/9/2004, quando receberam a Certidão de Autorreconhecimento da Fundação Palmares – grifo nosso*], era como se a gente não existisse. Escureciam a gente. Agora não, fomos reconhecidos (TESKE, 2011, p. 117).

Vários outros depoimentos de moradores comprovam este sentimento do Ruimar. Então, o que se observa em um primeiro momento, é o reconhecimento que tiveram pela sociedade circundante, além de uma autoestima que, aos poucos, substitui o sentimento de rejeição e desprezo pelos demais, que não se consideravam quilombolas. A partir do reconhecimento oficial como quilombolas, começam a chegar políticas públicas que irão transformar profundamente toda a comunidade.

As principais mudanças foram: reativação da Escola Rural Multisseriada de séries iniciais; instalação de rede de energia elétrica em todas as residências através do programa federal Luz para Todos; instalação de uma linha de ônibus que começa a circular três vezes por semana, implantação de um sistema de saneamento básico, com poço semi-artesiano, distribuição de água para todas as residências, construção de banheiros e fossas sépticas; instalação de um telefone público (orelhão via satélite); implantação de uma horta circular comunitária; doação de um trator agrícola novo pela Fundação Banco do Brasil; realização de eventos, como por exemplo, Feiras de Agricultura Familiar; participação de vários membros da comunidade em diversos eventos de âmbito municipal, estadual e nacional; motivação de vários jovens para cursarem o nível superior na Universidade Federal do Tocantins, no campus de Arraias e outras cidades.

Cabe ressaltar como constata Teske (2011) que toda esta primeira grande mudança na comunidade foi recheada de tensões, tendências e desafios. É nesse momento que os moradores da comunidade quilombola passam a

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p524

experimentar o que Hall define como o indivíduo na pós-modernidade, na qual o sujeito pós-moderno é marcado por uma fragmentação e passa a se identificar com várias identidades, por vezes até contraditórias e em outros momentos não resolvidas.

> O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas duas identificações estão sendo continuamente deslocadas (HALL, 2014, p.13).

Em outras palavras, percebe-se que na pós-modernidade ocorrem transformações contínuas, em um sistema cultural diverso. Relacionando com a apresentação inicial deste artigo, no qual foram destacados os efeitos da globalização, alicerçada no sistema capitalista, observa-se que isto altera a noção de identidade, conforme assevera Giddens (1991), quando esta está relacionada diretamente um uma tentativa de lidar com toda sorte de dificuldades que os indivíduos enfrentam no cotidiano. Para Bauman (2001) estamos vivendo numa época líquida, volátil ou fluída, onde os indivíduos vão sofrendo transformações constantes nesta nova configuração de sistema social.

A Lagoa da Pedra, a partir da chegada da energia elétrica, modificou seu modo de vida. Uma das primeiras aquisições foi a televisão, conectando-a com um sistema de comunicação anteriormente inexistente e que passou a ser um bem de consumo. Atualmente das 42 famílias, apenas três não tem um aparelho de TV em sua casa. Além disso, possibilitou a aquisição de geladeiras, DVDs, computadores, notebooks, estes últimos, utilizados principalmente pelos universitários da comunidade que já somam oito formados, dos quais, um deles está em programa de mestrado em Matemática e oito acadêmicos ainda cursando o Ensino Superior. Outro dado que se destaca é a questão de

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p524

mobilidade, pois até o presente momento, na comunidade já existem oito veículos e 15 motocicletas. Dentre os 142 moradores, 31 são aposentados, tudo isto alcançado após o reconhecimento como quilombolas, o que permite um ganho financeiro adicional e fundamental para estas pessoas. Outro dado que chama a atenção é que muitas das famílias já possuem o fogão a gás, entretanto não abrem mão do fogão caipira, que é o mais utilizado por todos. Outro dado importante é o de terem acesso ao O Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), que financia projetos individuais ou coletivos, que gerem renda aos agricultores familiares e assentados da reforma agrária.

Na infraestrutura também se observa profundas mudanças. Anteriormente as casas eram feitas de adobe e, na sua grande maioria, cobertas com palha, imburuçu ou telhas tipo antigo. Atualmente, os tijolos vem substituindo as novas construções e reformas, telhas plan e algumas já possuem piso de cerâmica substituindo o chão batido ou piso de cimento queimado.

No sistema de comunicação também houve mudanças significativas e radicais. Inicialmente, em 2006, foi a instalação do primeiro telefone público, orelhão, via satélite, instalado ao lado da Escola. Quatro anos depois, algumas poucas famílias instalaram telefones celulares rurais. E, recentemente, em meados de 2016, foi instalada uma antena da empresa Claro, no distrito da Canabrava, que dista a três quilômetros da comunidade, o que gerou a mudança radical na comunidade no quesito comunicação. Praticamente todos os jovens, famílias possuem aparelhos celulares e, consequentemente, ligados às redes sociais, com um destaque especial para o WhatsApp.

A influência deste novo meio de comunicação é visível. Seja nos negócios, na interação com os familiares que residem em outras cidades e

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p524

estados em uma conexão intensa e nas conversas intermediadas pela rede de comunicação. Entretanto, também foi observado em uma das manifestações culturais que é mantida na comunidade, como por exemplo, a Festa de Reis, ocorrida no dia 6 de janeiro de 2016, toda a celebração, cantoria nas casas e pagamento de promessas é filmada e fotografada pelos aparelhos celulares e postados nas redes sociais. Este é um dos dados que demonstra a resistência e o contrafluxo à força da globalização abordada por Schmitd (2006) e a existência da Folkcomunicação em movimento contrário à tentativa de homogeneização cultural.

Considerações finais

A Comunidade Lagoa da Pedra, Arraias-TO é uma clara demonstração de, apesar da forte influência externa que sofre com a chegada das novas tecnologias, que consegue manter características de sua identidade quilombola, mesmo que ressignificadas. As crianças e jovens, e mesmo adultos quando encontram os mais velhos, não deixam de pedir sempre a bênção. Algumas manifestações culturais, que anteriormente eram muito celebradas começam a deixar de acontecer, principalmente pelo desinteresse dos mais jovens e crianças. Neste ponto observa-se a influência da mídia e das novas tecnologias.

Para exemplificar, já não há mais jovens que se interessem em fabricar os instrumentos musicais, como pandeiros, violas, tambores e zabumbas. Apesar da maioria das crianças e jovens ainda saberem dançar a Sússia, dança tradicional com raízes na africanidade, já não a dançam com a mesma frequência como anteriormente. É notória a valorização e participação dos jovens e crianças nas diversas folias, contudo, os foliões com os seus cantadores, guias e alferes são compostos por pessoas que já estão na terceira

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p524

idade, enquanto que um ou outro jovem se interessa em aprender e dar continuidade a estas manifestações culturais. Entre as mulheres e moças ainda se observa o interesse em conduzir as ladainhas e rezas que integram as Festas do Doce Coração de Maria e do Sagrado Coração de Jesus, da elaboração das Folias, da Roda de São Gonçalo, das Festas Juninas entre outras.

A chegada da energia alterou a maneira de ralar a mandioca para fazer a farinha, pois não a ralam mais na mão e sim no moedor elétrico, entretanto a prensa ainda é artesanal bem como o forno a lenha. Da mesma forma ainda utilizam folhas de banana como base para assar os seus bolos, enroladinhos e petas, em vez de papel industrializado. São sinais do moderno com o tradicional, das tradições antigas com a modernidade, numa contínua ressignificação de sua identidade, como um claro sinal de resistência cultural.

Referências

APOLINÁRIO, Juciene Ricarte. **Escravidão Negra no Tocantins Colonial:** vivências escravistas em Arraias (1739-1800). Goiânia: Kelps, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação:** a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

BRASIL. **DECRETO Nº 6.177,** de 1º de agosto de 2007. Promulga a Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais, assinada em Paris, em 20 de outubro de 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6177.htm>. Acesso em: 09 fev. 2017.

BITENCOURT, Renato Nunes. Stuart Hall e os signos da identidade cultural na pós-modernidade. **Revista Espaço Acadêmico,** nº 154, março/2014. p. 129-

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p524

138. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/download/23100/12542.>. Acesso em: 11 fev. 2017.

COMPARATO, Fábio Konder. A Crise Global Contemporânea. Debatedores Boaventura de Sousa Santos e Fábio Konder Comparato. Debate na Escola de Governo de São Paulo, no dia 28 de out de 2015. **Youtube.** 2:24:00. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=p6a-Su-aUiI>. Acesso em: 09 fev. 2017.

CASTRO, Edna. Território, biodiversidade e saberes de populações tradicionais. Paper do NAEA 092 – Núcleo de Altos Estudos Amazônicos/UFPA, Maio de 1998. ISSN 15169111. Disponível em: <http://www.naea.ufpa.br/pdf.php?id=168.>. Acesso em: 05 fev. 2017.

DIEGUES, Antonio Carlos. (Org.). **Biodiversidade e Comunidades Tradicionais no Brasil.** Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2000. Disponível em: <www.mma.gov.br/estruturas/chm/_publicacao/14_publicacao24052011024914.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2017.

FARIAS, Rosana Antonio de. **Comunidade Remanescente de Quilombo Lagoada Pedra:** um estudo de caso. Monografia curso de Pedagogia. Arraias: Universidade Federal do Tocantins, 2005.

GEERTZ, Clifford. **Nova luz sobre a antropologia.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade.** Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade.** Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

HOHLFELD, Antonio. Novas tendências nas pesquisas da Folkcomunicação: Pesquisas acadêmicas se aproximam dos estudos culturais. In: MARQUES DE

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p524

MELO, José; FERNANDES, Guilherme Moreira. **Metamorfose da Folkcomunicação:** antologia brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013, p. 876-887.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura:** um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

LEFF, Enrique. **Saber Ambiental:** sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. 5. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **A Globalização da Natureza e a Natureza da Globalização.** 4 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A Crise Global Contemporânea. Debatedores Boaventura de Sousa Santos e Fábio Konder Comparato. Debate na Escola de Governo de São Paulo, no dia 28 de outubro de 2015. **Youtube.** 2:24:00. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=p6a-Su-aUiI>. Acesso em: 09 fev. 2017.

______ (org.). **A Globalização e as Ciências Sociais.** 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

TESKE, Wolfgang. **Cultura Quilombola na Lagoa da Pedra, Arraias-TO.** Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2011.

WOITOWICZ, Karina Janz. A noção de cultura na folkcomunicação e nos estudos culturais: Diálogos entre as perspectivas de Luiz Beltrão e Stuart Hall. **Intercom.** Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Rio de Janeiro, RJ – 4 a 7/9/2015. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1698-1.pdf >. Acesso em: 12 fev. 2017.